

Bem-Te-Vi: uma renovação na literatura infantil brasileira

MARIA TERESA SOKOLOSWKI
(*Universidade Metodista de Piracicaba*)
SILVANA MALUSA
(*Instituto Metodista de Ensino Superior*)

Resumo

A visão dos metodistas sobre a educação infantil, desde o final do século passado, apresentou um conjunto de ações pedagógicas inovadoras. Em 1922, os metodistas criaram uma revista alternativa, *Bem-Te-Vi*, que foi considerada a única revista infantil no país de caráter não só pedagógico, mas moral, cuja circulação se estendeu para outros países na América, Europa e África.

Palavras-chave: metodismo, educação infantil, revista alternativa

Resumen

La visión de los metodistas sobre la educación infantil, desde el final del siglo pasado, presentó un conjunto de acciones pedagógicas innovadoras. En 1922, los metodistas crearon la revista alternativa "Bem-Te-Vi", que fue considerada la única revista infantil en el país de carácter no solo pedagógico, sino moral, cuya circulación se extendió a otros países de América, Europa y África.

Palabras claves: metodismo, educación infantil, revista alternativa

Abstract

Methodists' vision on children's education has showed a set of new pedagogical actions since the end of last century. In 1922, Methodists created an alternative magazine, "Bem-Te-Vi", which was considered the only children's magazine in the country having not only a pedagogical profile, but also moral, whose circulation reached other countries in America, Europe and África.

Keywords: methodism, children's education, alternative magazine

Introdução

A análise da pesquisa educacional metodista no Brasil é assunto do mais relevante interesse tanto para as Instituições Metodistas, algumas delas já centenárias, como para aqueles que vêm trabalhando na reconstrução da historiografia da educação protestante no Brasil.

A grande maioria dos textos produzidos até hoje acerca da história do metodismo faz louvor ao crescimento deste movimento. Sem dúvida, uma das chaves desse sucesso foi o processo escolhido para deflagrá-lo: a educação.

Os educadores metodistas chegaram ao Brasil¹ ao fim do século XIX. Portadores de ideais liberais, somaram seus esforços, mais tarde, ao escolanovismo e consta que se mantiveram preocupados com a possibilidade de uma prática educativa de cunho alternativo a então educação jesuítica.

Aqui fundaram alguns colégios desde a passagem do século passado. Em 1888 foi inaugurado o primeiro grande Instituto, o Colégio Piracicabano (SP). No início do século, em 1909, foi inaugurado o segundo, o Instituto Central do Povo (RJ). Seu auge de crescimento físico ocorreu na década de 20, onde surgiram o Colégio Noroeste de Birigüi (SP) em 1918, o Instituto Educacional de Passo Fundo (RS) em 1920, o Instituto Bennett do Rio de Janeiro (RJ) em 1920, o Colégio Centenário de Santa Maria (RS) em 1922, o Instituto Porto Alegre (RS) em 1923 e o Instituto Americano de Lins (SP) em 1928 (MESQUITA, 1994:31).

Nosso objeto neste trabalho é salientar a importância do surgimento da Revista *Bem-Te-Vi*, ainda na década de 20, e observar como ela assimilou as remodelações da política educacional brasileira, que começaram a tomar corpo nesta mesma década. Estudaremos os desdobramentos que isto trouxe aos ideais filosóficos-educacionais metodistas destinados às crianças na primeira metade deste século. Concentraremos nas ações sociais realizadas pelo Reverendo Hugh Clarence Tucker²,

¹ Historicamente, o movimento protestante sempre olhou com muito carinho para a educação como instrumento de valorização da vida e da difusão da imagem da reforma. No terceiro decênio do século XVIII, surgiu um movimento de restauração do Anglicanismo, a igreja oficial do então poderoso Império Britânico, que ficou conhecido com o nome de Metodismo, considerado na história como o último desdobramento da Reforma Protestante do século XVI. Seu fundador foi João Wesley (1703-1771), neto e filho de pastores anglicanos. Da Inglaterra, a ênfase metodista na educação migrou para os Estados Unidos e, de lá, para o Brasil, onde a semente da educação metodista foi implantada na cidade de Piracicaba (SP), pelas irmãs Newmann, que abrem em 1879 uma pequena escola incluindo internato e externato. Cf. MALUSÁ, Silvana. *A criança no "pré-escolar"; um enfoque metodista(?)* mimeo. Piracicaba, 1994, p. 15. (Dissertação de Mestrado - Unimep).

² Dr. HUGH CLARENCE TUCKER (1857-1956) - Missionário Metodista e por muitos anos secretário da Sociedade Bíblica Americana, era homem apaixonado pelo serviço ao semelhante. Ele, sua esposa e sua filha, sofreram de febre amarela. Tendo lido sobre o trabalho do Dr. Walter Reed no saneamento de Cuba, Tucker pôs o Dr. Oswaldo Cruz em contato com Reed e outros nos Estados Unidos, e serviu de intermediário durante a campanha do saneamento que livrou o Rio de Janeiro desse flagelo (1903-1908). Cf. REILY, Duncan A. *História do Protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1984, p. 282.

diretor do então Instituto Central do Povo - I.C.P. - cujas idéias já se apontavam numa linha educandária renovadora que vem ao encontro da proposta filosófica da *Bem-Te-Vi*.

I.C.P. e *Bem-Te-Vi*: ações pioneiras na educação infantil

Compreender a criança é algo primordial especialmente quando se tem como senso comum uma compreensão universalizante, onde ela por muito tempo foi considerada de maneira estática, sendo a criança do passado a mesma do presente.

As ações metodistas destinadas às crianças no início deste século se destacavam em muitos aspectos, especialmente por já terem a consciência de que a criança é criança por si só, e não um adulto em miniatura.

Indiscutivelmente, as ações destinadas de modo oficial à infância tomaram corpo na década de 20. Ocorreu, por exemplo, a difusão do ensino primário visando pôr fim ao "mal" do analfabetismo. Dessa forma, cresceu o número de escolas criando condições para o aparecimento dos "Profissionais da Educação" preocupados, embora de maneira ainda rudimentar, não só com a quantidade, mas com a qualidade do ensino. Assim, ocorreu a penetração do escolanovismo no Brasil e a criação da Associação Brasileira de Educação - ABE.

Até a primeira metade deste século, muitas foram as contribuições do metodismo brasileiro à população infantil de maneira não só inovadora, mas também pioneira, concentrando-se muitas delas em torno do Instituto Central do Povo. O I.C.P. nasceu no início do século, em 1906 em Gamboa, Rio de Janeiro - hoje denominado Instituto Metodista de Ação Social. Sob direção do Rev. Tucker, o I.C.P. foi alvo de inovações tanto na área educacional como na saúde.

"Quando cheguei ao Brasil, encontrei problemas sociais muito mais sérios. Ainda havia escravidão, as modernas concepções humanitárias eram grandemente ausentes em campos como o sanitário, a saúde pública, o cuidado com as crianças e o tratamento aos criminosos. As condições eram muito mais primitivas do que qualquer uma que eu tinha conhecido nos Estados Unidos, especialmente no interior" (apud SOARES FILHA, 1986:48).

No específico, a criança, a preocupação que a direção e equipe do I.C.P. tinham, era diferenciada pela qualidade de trabalho que se procurava realizar. Constatou-se, na região, entre outras coisas, a ausência de parques, jardins ou um espaço livre onde as crianças pudessem correr, brincar, contar histórias. A ausência dessas áreas era preocupante para toda a equipe que compunha o I.C.P., uma vez que, segundo ela, "as condições existentes têm relação direta com a vida física, social e moral, e

devem ser levadas em consideração em qualquer esforço que possa ser feito em favor da educação, progresso e elevação geral das pessoas a serem atendidas" (apud SOARES FILHA, 1986:51-52).

Essa preocupação se estendeu por longos anos, aparecendo também na visão filosófica da Revista *Bem-Te-Vi*, cujo surgimento ocorreu, não por acaso, no mesmo ano da Semana de Arte Moderna, dando assim, uma contribuição ao país e reforçando sua preocupação com a parte intelectual das crianças, em dezembro de 1922.

A *Bem-Te-Vi* surgiu com um caráter pedagógico destinada à todas as crianças sem distinção de credo. Num curto espaço de tempo, acabou por conquistar não só o território nacional, mas mais 11 países onde as crianças esperavam ansiosas o pouso do "pássaro brasileiro":

"Todos os mezes, nosso "Bem-Te-Vi" visita mais de três mil lares, e estamos certos de que elle leva alegria e prazer do triplo de mentes e coraçõezinhos famintos. Vae até o grande Estado do Amazonas, atravessa o maior rio do mundo, penetra no sertão, onde ainda habitam os índios e leva alegria a centenas de crianças na terra dos gaúchos" (EPPS, 1926:106).

Continua,

"Vae, também a Argentina, Chile, Bolívia, México, Estados Unidos, Canadá, Inglaterra, França, Suíça, Portugal e a África Portuguesa. Recebemos, na semana passada, uma carta de uma professora na África (...). Dizia-nos a professora que ella dirige uma escola frequentada por cem meninas e mocinhas africanas, todas aprendendo o portuguez, que ansiosamente aguardam, todos os mezes, a chegada do "Pássaro Brasileiro" (EPPS, 1926:108).

Sua redatora, Leila F. Epps, fazia questão de que *Bem-Te-Vi*, além de possuir um conteúdo didático de primeiro mundo, fosse impressa em materiais compatíveis, pois essa pequena revista necessariamente teria que ser cada vez melhor; mais limpa, linda e atraente de modo que as crianças, por toda a parte, sentissem cada vez mais interesse, não perdendo dessa forma um único número (EPPS, 1926:108).

"Não queremos usar material barato na nossa revista: queremos-la sempre impressa em bom papel de modo que as bonitas gravuras realcem e possam assim atrahir e agradar aos nossos amiguinhos" (EPPS, 1926:108).

Em nome da qualidade da revista, Dona Leila não media esforços, frisando constantemente a responsabilidade dos pais quanto a formação do bom caráter de seus filhos, que seria reforçada com a presença de boas leituras. Dessa forma, a *Bem-Te-Vi* invadiu gradativamente mais e mais lares, tendo como lema: "Eu vejo em cada criança a possibilidade do homem perfeito" (EPPS, 1926:108).

A assimilação de pedagogias renovadoras

A análise de duas fontes de educação infantil metodista na primeira metade deste século, possibilitou o perfil filosófico norteador da formação da criança metodista daquela época. Cabe ressaltar que estas duas fontes - o I.C.P. e a revista *Bem-Te-Vi* - não foram as únicas, mas foram representativas.

A revista *Bem-Te-Vi*, formada por contos, poemas, atividades lúdicas, textos sobre a história do Brasil, tinha, além da preocupação de transmitir mensagens da moral cristã metodista, um cunho pedagógico. Segundo Braga:

"O 'Bem-Te-Vi' é hoje a única revista infantil com finalidade pedagógica e moral orientada para a formação do caráter das crianças brasileiras. Bem merece que os pais e educadores a utilizem como utensílio para esculpir nos dias vindouros as linhas de sua attitude para com as cousas justas e boas" (BRAGA, 1929:12).

A *Bem-Te-Vi* não possuía uma linha pedagógica original, ela reproduziu o que se veiculava nas instituições de ensino metodistas de um modo geral, ou seja, mantinha uma linha tradicional tal qual certas escolas, mas acabou assimilando, sob certos aspectos, as novas correntes que estavam entrando no país, como a escola nova e o método montessoriano.

A escola tradicional tinha por finalidade

"A preparação para uma vida adulta que, por sua vez, era a preparação para uma vida após a morte. A criança e, mais tarde, o adulto, estavam mais preocupados com preparar-se para qualquer fase futura da vida que com viver plenamente o presente. A educação era desenvolver-se para algum fim derradeiro, para algum estado de completo desenvolvimento ou perfeição das potencialidades próprias. A atualização das capacidades da criança residia, sobretudo, no exercício de faculdades como a memória, a razão, a vontade, a imaginação ou de outras do mesmo gênero" (CHÂTEAU, 1978:285).

A escola nova, idealizada por John Dewey, surgiu como uma crítica à pedagogia tradicional. Ele montou em 1894, na cidade de Chicago, uma escola-laboratório com a finalidade de sistematizar um método que

“tomou como ponto de partida não as futuras atividades do adulto das quais se pensava que a criança participava, mas as atividades comuns nas quais ela estava imediatamente envolvida. O fim da educação era, pois, não desenvolvê-la de acordo com algum modelo remoto, mas, antes ajudá-la a resolver os problemas suscitados pelos contatos correntes, com o meio físico e com o meio social (...). O realce dado na escola a atividades manuais tais como marcenaria, cozinha, costura e tecelagem, era motivado por sua ligação estreita com a preocupação de procurar nutrição, abrigo e vestuário, no meio cotidiano da criança” (CHÂTEAU, 1978:286-287).

A terceira linha pedagógica mencionada nasceu das experiências de Maria Montessori. Em 1907 ela assumiu o comando da Casa dei Bambini, uma escola situada num bairro popular da Itália e destinada a atender filhos de operários. O método trabalhado nesta escola seria, segundo ela, científico à medida que se inspiraria na natureza e nas leis do desenvolvimento da criança; respeitava a liberdade da criança pois não consideraria as opiniões arbitrárias que só levavam em conta o que o adulto acredita que a criança deva ser ou o que o adulto pretende, de seu ponto de vista, da criança, mas sim a atenção se voltaria àquilo que o adulto deve à criança, aquilo que desta reclamam a natureza, a vida, seu futuro, os motores de seu desenvolvimento; revelaria o princípio do trabalho colocando à disposição das crianças objetos e utensílios correspondentes às suas dimensões e forças físicas; e estimularia a criatividade dos alunos” (CHÂTEAU, 1978:312-313).

Estas idéias inovadoras, o escolanovismo e o método montessoriano, foram entrando aos poucos nas instituições metodistas. Na década de 20, quando o país passa por uma efervescência política e cultural, as discussões sobre política educacional tomam corpo, e nelas participam alguns metodistas. Nesse período há a difusão do ensino primário, a crença no ideal de que pela educação se transformará a sociedade, o surgimento de profissionais da educação, a penetração de pedagogias estrangeiras - a Escola Nova e o método Montessori - a criação da Associação Brasileira de Educação - ABE - e a realização de congressos voltados para temas educacionais (MALUSÁ, 1994:61-62).

O I.C.P. se faz presente neste movimento. Participa das comemorações do “Centenário da Independência” no ano de 1922, do “Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância”, congregando homens ligados à iniciativa particular e do congresso ligado ao “Bem-Estar da Criança”

onde o Rev. Tucker ministrou uma palestra sobre um assunto delicado à época; educação sexual. Sobre isso ele escreveu:

“O Brasil celebrou o Centenário de sua independência em 1922 (...) Uma das sugestões foi o chamado “Congresso do Bem-Estar da Criança”, o primeiro na história do país. A comissão encarregada da programação convidou-me a falar sobre educação física na pré-escola (...). Alguns anos depois (...) fui convidado a apresentar uma conferência sobre “Educação Sexual: quando e como ministrá-la”. Este era assunto muito delicado e difícil, mas me senti gratificado ao receber palavras de apreciação dos membros do Congresso” (apud SOARES FILHA, 1986:254).

Todas estas questões influenciaram as atividades que o I.C.P. mantinha com as crianças, e alguns aspectos das filosofias escolanovistas e montessorianas foram assimilados, o que fez com que o seu trabalho se diferenciasse pela sua qualidade. O ponto de partida da metodologia do I.C.P. se baseava na vida cotidiana das crianças, extraindo daí os elementos norteadores para a transmissão do saber sistematizado. As crianças aprendiam brincando, cantando, pintando, cultivando plantas nos jardins e procurava-se assisti-las e orientá-las quanto as questões nutricionais e de saúde, enfatizando a prevenção dentária (MALUSÁ, 1994:64).

Outra porta de entrada destas pedagogias estrangeiras e das discussões sobre política educacional, que ocorreram na década de 20, foi a “Escola Regional de Meriti”, fundada pela socialista Armanda Álvaro Alberto. Esta escola não era metodista mas possuía uma relação estreita com as instituições metodistas:

“A Escola Regional de Meriti funcionava em regime de tempo integral e o acompanhamento pedagógico das turmas era feito por professores que ela trazia do Rio, principalmente das escolas Benett” (DUTRA, 1989:4).

A Escola Regional de Meriti foi fundada em 1921 com o nome de “Escola Proletária de Meriti” e foi uma das referências na campanha contra os velhos métodos de ensino. Sobre ela escreveu Fernando de AZEVEDO:

“Não faltavam, aqui e ali, iniciativas particulares na campanha contra velhos métodos de ensino, como para citar uma das primeiras e de sentido mais corajosamente renovador, a Escola Regional de Meriti, fundada no Estado do Rio, em 1921, por Armanda Álvaro Alberto, que se alistava entre os pioneiros da educação nova no Brasil” (1944:382).

Na apresentação do livro de Armanda Álvaro Alberto, Moysés Xavier de Araújo tece o seguinte comentário sobre a autora:

“Educada num regime de compreensão, amor, liberdade, estímulo à iniciativa individual e à auto-expressão, tinha, certamente, encontro marcado com as idéias de Montessori. Mas o que lhe interessa não são as técnicas e sim os princípios que inspiram a pedagogia montessoriana: liberdade, trabalho educativo e criatividade” (ALBERTO, 1968:6).

Os alunos dessa escola eram todos crianças carentes. Nela foi criado o “Círculo de Mães”, onde os alunos e as mães aprendiam trabalhos manuais e recebiam noções de higiene. Dona Armanda ofereceu assistência médica aos alunos e a seus familiares, ensinou as crianças a aplicarem injeções e distribuiu remédios. Criou o concurso das “Janelas Floridas” na comunidade, com o intuito de embelezar as casas e o bairro. Nos fundos da escola instalou uma oficina, onde as crianças aprendiam, dentre outras coisas, a consertar suas carteiras. Excursionavam pelos museus e pela Quinta da Boa Vista. Frequentavam cinemas e teatros. Organizou uma boa biblioteca. Estimulou a leitura de Monteiro Lobato, que por sinal era seu amigo e partidário nos ideais. Os alunos faziam experiências científicas, organizaram, com a ajuda de um museólogo, um museu, cuidavam da horta, criavam abelhas e bichos da seda (DUTRA, 1989:4).

A Escola Regional de Meriti foi incorporada, no ano de 1964, ao I.C.P.

A revista *Bem-Te-Vi* traduziu o espírito da época. Em certos momentos mantinha uma linha tradicional e em outros assumia as pedagogias renovadas. Tomou-se por base as publicações do ano de 1947, totalizando o número de doze revistas. Neste ano observou-se o predomínio das mensagens renovadas sobre as tradicionais, mas estas se mantinham presentes. Podemos exemplificá-las nos textos onde procurava-se advertir as crianças para se prepararem para a vida adulta e para a vida após a morte, tais como o texto “O Estudo” (BEM-TE-VI, fev. 1947:35), onde se lê:

“Meus amigos aprendamos,
sejamos estudiosos;
Quem estuda já prepara
No porvir dias ditosos
Quem sabe ler, já um passo
Deu em bem de seu futuro;
Será homem proveitoso
Embora viva obscuro
Meus companheiros, avante!
Queiramos sempre aprender
Porque na luta da vida
A vitória é do saber”.

O texto "Um menino de coragem" (BEM-TE-VI, abr. 1947:75) narra a saga de um garoto de seis anos e sua mãe, armênios cristãos sobreviventes do massacre turco, onde toda a família pereceu. Sua mãe casou-se, mais tarde, com um árabe muito rico e muçulmano e então

"(...) Vocês pensam, sem dúvida, que o nosso homenzinho era muito feliz, não é assim?

Pois bem! Ele era profundamente infeliz! Um dia ele disse a sua mãe:

¾ Mamãe, por quê não lemos mais a Bíblia? por quê não falas mais de Jesus?

A mãe, assustada, fê-lo compreender que seu padrasto se opunha à leitura da Bíblia, e não queria ouvir falar de Jesus.

¾ Então, mamãe, eu não posso mais ficar aqui; eu sou cristão, e não quero ser muçulmano. Deixa-me ir para o orfanato americano. Lá, fala-se de Jesus, lê-se a Bíblia.

Sua mãe fêz tudo para dissuadi-lo. Ele ficou firme, e ela foi obrigada a conduzi-lo para o orfanato (...) Ele preferiu separar-se de sua mãe, e ser privado do luxo e do conforto, a fim de estar num meio onde seu Salvador era honrado!

Que pensam vocês dêste menininho? Ele promete tornar-se um homem resoluto e corajoso, que não terá mêdo em ostentar o seu estandarte (...)"

O texto "Sonho de mãe" (BEM-TE-VI, jun. 1947: 120) fala dos desejos de mãe desde que o filho nasce até envelhecer e depois

"(...) Ah! quando meu filhinho
Já velho então morrer,
No céu, qual um anjinho,
Irei esperá-lo, levando um raminho
E o filho queria o ramo receber!"

Outra característica do método tradicional era o estímulo dado à memória e à razão como no texto "Estudemos..." (BEM-TE-VI, fev. 1947:40):

"(...) Atendam minhas pequenas!
Escutem bem; o que eu falo:
Para quem sabe tabuada,
Fazer contas é um regalo!
Estudemos com afinco,
Dêmos serviço à memória!
O trabalho tudo vence!

Só quem estuda tem glória!
Como é bom satisfazer
De nossos pais os desejos!
Para a frente caminhemos,
Nós não somos carangueijos!"

Os textos voltavam-se especialmente para os princípios escolanovistas e montessorianos e citávamos como exemplos alguns que abordam questões de saúde, higiene, atividades físicas e alimentação, como em "Feliz Ano Novo Nancy!" (BEM-TE-VI, jan. 1947:6):

"(...) 'Feliz Ano Novo, Nancy!' repetiu a Escôva de Dentes curvando-se graciosamente e delicadamente. 'Meu desejo para o Ano Novo é que você cuide de seus dentes, e os escove pelo menos duas vezes por dia, ou setecentos e trinta vezes no ano(...)'.
'Feliz Ano Novo, Nancy!' Era uma voz que vinha do canto do quarto, de cima da penteadeira. Nancy virou-se, e qual não foi a sua admiração ao ver a sua escôva de cabelos sair do seu lugar e encaminhar-se para ela. 'Eu desejo que em todos os dias dêste ano, você escove bem os seus cabelos de ouro; traga-os sempre penteadinhos e em ordem!' disse a escôva de cabelos(...).

'Feliz Ano Novo, Nancy!' ouviu ela; era o som de muitas vozes juntas; virou-se e, para surpresa sua, deu com o sabonete, a toalha de rosto, a toalha de banho, o jarro de água, todos marchando e cantando(...) 'Feliz Ano Novo, Nancy!' disse o sabonete como se fôsse o representante do grupo. 'Desejamos a você, para o Novo Ano, uma pele linda e clara, e isto você conseguirá com o uso de bastante sabão e água'(...).

'Feliz Ano Novo, Nancy!' 'De quem é esta voz?' perguntou a menina; pois o novo personagem trazia um gorrinho branco e um avental também branco; tinha nas mãos uma bandeja com uma tigela de mingau, um copo de leite, um prato de frutas, verduras e carne. 'Eu sou a Boa Alimentação; e eu desejo que durante o ano todo, você prefira sempre Boa Alimentação às balas e chocolates, e tôda a sorte de guloseimas que deixam as crianças doentias e nervosas!!(...)'.
Na atividade "O Banho na Terra da Saúde" (BEM-TE-VI, abr.1947:68), que ensina as crianças a desenhar, tem o seguinte roteiro:

“O meu leitorzinho já viu os pássaros a se banharem? Parecem ter grande prazer nisso. Os banhos deixam a gente com uma sensação agradável, de limpeza e com todos os músculos vibrando. É capaz de desenhar estas gravuras?”

A atividade “Se Quer Ser Forte, Pratique o Esporte” (BEM-TE-VI, ago. 1947:148), que também ensina a desenhar, diz:

“Hoje em dia todo mundo
Exercita corpo e mente
Ninguém quer que o chamem FUNDO
Que o exercício, cada dia,
Deixa a gente bem disposta
Cheia de força e energia.
Lá da Terra da Saúde,
É este mocó bem sabio
Que defende a juventude...”

Outra atividade no estilo das duas anteriores, intitulada “Um Bando de Bons Amigos” (BEM-TE-VI, set. 1947: 176), fala que:

“Si você tomar bastante cuidado com os Soldadinhos Brancos na sua bocca, elles compensarão tal trabalho. Dentes bons são a expressão de sorrisos felizes e de boa digestão. Leia o que se diz sobre o duende Escova-Dentes e veja si consegue desenhar essas gravuras”.

O texto “A Escôva Descontente” (BEM-TE-VI, set. 1947:177) narra a estória de uma escova de dentes infeliz porque o menino que era seu dono nunca a usava. Até que um dia ele sentiu dor de dente e sua mãe levou-o ao dentista. Aconselhado por ele, o menino passou a usar a escova após as refeições, tornando-a muito feliz. Eis alguns trechos:

“(...) A escôva vivia descontente porque não tinha o que fazer. Ficava dentro do copinho o dia todo. “Ninguém me usa!” suspirava ela. “Que estou eu fazendo aqui? Antes eu voltasse para a loja onde a mãe do Antoninho me comprou!”(...) Um dia Antoninho chegou mais cedo da escola. Chorava de fazer dó./ “Meu dente está doendo, mamãe!(...) ela disse “Veja o chapéu, é vamos ao dentista, Antoninho”(...) Finalmente mãe e filho voltaram. Antoninho foi ao copinho e retirou de lá a escôva que estava grandemente emocionada. “O dentista contou-me que você é minha ami-

ga”, disse êle à escôva. “Êle contou-me que se eu a usar sempre depois de cada refeição, não terei dor de dentes(...)”.

Há ainda o texto “Um Louvor à Saúde” (BEM-TE-VI, out. 1947:198), que diz:

“Criança, guarde sua saúde. Com boa saúde muito conseguirá. Você pode e fará, se tiver a mente sã e o corpo são (...) Para qualquer trabalho, você precisa de vista boa e clara. Você está cuidando de seus olhos? Se está, não leia com a luz fraca. Não esfregue os olhos com as mãos sujas (...) Do mesmo modo, cuide dos seus ouvidos (...) Seus dentes devem estar habilitados para mastigar, concorrendo assim para o progresso na saúde (...) Agora vem o seu estômago. Êle é amigo maravilhoso quando tratado com respeito. Quando é insultado com alimentos inadequados, e bebidas venenosas, êle cresce em cólera (...) As regras de saúde são simples. Respeite o corpo. Traga-o limpo. Dê-lhe o alimento e a bebida de que êle necessita. Dê-lhe repouso, trabalho e recreação. Faça isso mesmo a custa de sacrifício. A boa saúde é um passo para uma vida feliz (...)”.

Outros aspectos da educação renovada também estavam presentes na revista *Bem-Te-Vi* como a exortação à solidariedade e ao trabalho, a descrição da vida cotidiana, o incentivo ao contato com o meio físico e social, e a valorização do presente, minimizando a ênfase que a educação tradicional dava ao futuro. Podemos exemplificar com textos que abordam a solidariedade e o trabalho como em “Pensando em Deus” (BEM-TE-VI, fev. 1947:27), que transcrevemos alguns trechos abaixo:

“Titia Elena foi-se embora hoje. Estou triste por ela ter ido, pois ela ajudou-me a lembrar de fazer as obrigações antes de ser mandada.

Ela viu que sempre esperava pela ordem da mamãe para fazer minhas obrigações e que mesmo assim, às vêzes, demorava-me a obedecer. Então perguntou-me se não gostaria de preparar uma surpresa para mamãe. Na manhã seguinte, quando mamãe me chamou para levantar, eu já estava quase vestida, pois titia Elena me chamou mais cedo. Ajudou-me a aprontar tudo, de maneira que fui a primeira a descer para o café. Pelo nosso plano especial, ela me avisou a hora de tratar as galinhas. Fiz minha cama, guardei minhas roupas, meus

livros, brinquedos, etc. Aprontei-me para a escola antes de a mamãe me avisar(...)

O texto "Branquinho" (BEM-TE-VI, jun. 1947:104) fala que:

"Emília morava numa fazenda com a vovó e vovô (...) No curral da fazenda havia uma vaca, um bezerrinho; no galinheiro havia uma galinha com os pintainhos. Emília gostava de ajudar a vovó a dar comida para os pintainhos(...) No pasto da fazenda havia algumas ovelhas e seus carneirinhos. Emília gostava de ajudar ao vovô a dar comida aos carneirinhos (...)".

"Dorly" (BEM-TE-VI, jun. 1947:115) era uma menina que

"(...) já quase se vestia sozinha. Ela sabia lavar as mãos e pentear seus cabelos castanhos e sedosos. Ela sabia ajudar a mamãe a pôr a mesa; tirava a louça usada com tal cuidado, que dificilmente quebrava uma peça. Ela guardava seus brinquedos nos respectivos lugares; ajudava a cuidar das flores no jardim; trazia o jornal para o papai ler(...)".

De um modo geral os textos da *Bem-Te-Vi* demonstram uma preocupação não só com o futuro das crianças mas também com o presente, com a vida cotidiana e com a sua inserção no meio físico e social. O texto "O Balão" (BEM-TE-VI, jun. 1947:116) pode ser citado como exemplo.

"Zezé era um garoto de 10 anos, de cabelos escuros e olhos vivos e inteligentes(...). Preparava suas lições com prazer, mas também gostava muito de brincar, de jogar bolinhas, rodar pião, empinar papagaio, jogar bola com os companheiros no campinho. Mas o que deixava mais entusiasmado, era no mês de S. João ver os balões subindo, subindo. E quando o balão ia caindo, os meninos saíam a correr munidos de cabos de vassoura atrás dele(...)".

Outro exemplo seria o texto "A Galinha de Marta" (BEM-TE-VI, jul. 1947:132), que narra o dia-a-dia de uma menina e sua galinha de estimação:

"Xandoca era o nome da galinha de Marta. Aonde Marta ia, Xandoca ia atrás; fora de casa, bem entendido. Bem que Xandoca queria acompanhar Marta dentro de casa; porém a mamãe não o consentia.

“Não, galinhas não ficam dentro de casa”, dizia mãe à Marta. Por isso Xandoca seguia a menina somente no quintal.

Quando Marta se sentava na porta dos fundos, Xandoca punha-se a seu lado. Muitas vezes empoleirava-se toda contente nos joelhos de Marta (...).”

Ou, ainda, o texto “Moisés e Mimoso” (BEM-TE-VI, set. 1947:178), que conta que

“Raquel e Moisés moravam numa fazenda. Quando Raquel completou quatro anos, deram-lhe de presente um cachorrinho. Ela deu-lhe o nome de Setim (...)

“Raquel tem um cachorrinho. Eu quero também um bichinho para mim”, disse Moisés um dia ao papai.

“Vamos ver então se encontramos um bichano para você”, disse-lhe o pai.

Alguns dias depois, papai chegou-se a Moisés e disse-lhe: “Venha ao curral. Tenho uma surpresa para você”(...

“Este bezerrinho é para mim?” perguntou Moisés.

“Se você promete tomar conta dê-lo.” disse o pai (...).

Moisés ensinou o bezerrinho a beber leite no balde. Dava-lhe a ração tôdas as manhãs e tôdas as tardes. Raquel e Setim gostavam de ver Mimoso comer(...).”

Foi com este estilo pedagógico que a revista *Bem-Te-Vi* educou um determinado segmento infantil na primeira metade deste século e que ainda hoje o faz, procurando sempre estar atenta às discussões educacionais atualizadas.

Conclusão

A *Bem-Te-Vi* foi, na primeira metade deste século, uma revista infantil expressiva, não só no meio metodista como em outros segmentos sociais. Sua penetração ultrapassou os limites geográficos brasileiros chegando a outros países e influenciando mais que uma geração.

Sintonizada ao seu tempo, assimilou os ideais renovadores da década de 20 e os divulgou no seu espaço de ação, colocando-se como alternativa aos princípios jesuíticos da educação tradicional.

A participação das crianças na *Bem-Te-Vi* não se limitava às leituras, mas eram estimuladas a fazerem parte de todo o processo existente para as alterações nessa nova revista. Criavam-se concursos diversos, iniciando com o da escolha de seu nome.

“Teve o mais completo êxito o original concurso que abrimos para o ‘baptismo’ da jovem revista infantil (...). Dentre os numerosos ‘votos apurados’ conseguiram obter maioria os três nomes seguintes: ‘MEU JORNAL’, ‘HORAS ALEGRES’ e ‘BEM-TE-VI’” (O EXPOSITOR CHRISTÃO, 1923:16).

Apesar de presenciarmos, em alguns momentos, um certo autoritarismo na *Bem-Te-Vi*, sem dúvida alguma, foi uma revista que sobressaiu à sua época. Tinha como desejo “ajudar meninos e meninas a se tornarem homens e mulheres de bem, cidadãos dignos da Pátria e do Reino que o Pae Celestial está preparando para cada um” (EPPS, 1926:109). Dessa forma, revestia-se de atualidade, relatando “Quadros Pitorescos da História do Brasil, como por exemplo, Visconde do Rio Branco e Tiradentes, entre outros” (BEM-TE-VI, mar. 1947:55-57), sendo considerada a única revista infantil no país de caráter pedagógico e moral.

Com o passar das décadas, a tendência seria a de aprimorar sua qualidade. Assim, em 60, encontra-se uma maior seleção quanto aos escritores a participarem dessa grande obra:

“O Bem-Te-Vi vai apresentar no correr dêste ano, uma seleção de histórias para crianças dos melhores escritores nacionais. Escolhemos, êste mês, a escritora Maria Heloisa Penteadó. É ela uma das apreciadas colaboradoras do jornal “O Estado de São Paulo” (BEM-TE-VI, jan. 1961:22).

A revista *Bem-Te-Vi* continua sendo produzida ainda em nossa década, embora com algumas alterações, a exemplo, seu aspecto externo o qual não possui mais o luxo anteriormente existente. Outra alteração é que hoje ela está direcionada especialmente à escola dominical, tendo como proposta “a busca de alternativas de leitura bíblica comprometida com a Palavra de Deus na vida das crianças, entendendo-as como agentes evangelizadores” (BEM-TE-VI, 1991:38).

Com todas as alterações ocorridas, vale ressaltar que a *Bem-Te-Vi*, ao contrário de outras iniciativas, sobreviveu às diversas crises existentes dentro das Instituições Metodistas no Brasil.

Referências bibliográficas

- ALBERTO, Armanda A. *A Escola Regional de Meriti: Documentário 1921-1964*. Rio de Janeiro: MECC-INEP-CBPE, 1968.
- AZEVEDO, Fernando de. *A cultura brasileira*. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1944.

- BEM-TE-VI. Anno XXV, nº 1. São Paulo: Imprensa Methodista, janeiro de 1947.
- BEM-TE-VI. Anno XXV, nº 2. São Paulo: Imprensa Methodista, fevereiro de 1947.
- BEM-TE-VI. Anno XXV, nº 3. São Paulo: Imprensa Methodista, março de 1947.
- BEM-TE-VI. Anno XXV, nº 4. São Paulo: Imprensa Methodista, abril de 1947.
- BEM-TE-VI. Anno XXV, nº 6. São Paulo: Imprensa Methodista, junho de 1947.
- BEM-TE-VI. Anno XXV, nº 7. São Paulo: Imprensa Methodista, julho de 1947.
- BEM-TE-VI. Anno XXV, nº 8. São Paulo: Imprensa Methodista, agosto de 1947.
- BEM-TE-VI. Anno XXV, nº 9. São Paulo: Imprensa Methodista, setembro de 1947.
- BEM-TE-VI. Anno XXV, nº 10. São Paulo: Imprensa Methodista, outubro de 1947.
- BEM-TE-VI. Anno XXXIX, nº 1. São Paulo, janeiro de 1961.
- BEM-TE-VI. Jardim da Infância. Caderno bíblico nº 3. São Paulo: Imprensa Methodista, 1991.
- BRAGA, Erasmo. A crítica e o Bem-Te-Vi. *O Expositor Cristão*. v. 43, nº 45. São Paulo, 1929.
- CHÂTEAU, Jean. *Os grandes pedagogistas*. v. 133. São Paulo: Nacional, 1978.
- DUTRA, Maria J. T. Mate com Angu. Uma Escola Renova Ensino Brasileiro. *Informe Educar*. Ano I, nº 1. Secretaria Municipal de Educação e Cultura. Duque de Caxias, Rio de Janeiro, julho, 1989.
- EPPS, Leila F. Bem-Te-Vi: revista para crianças. *Bem-Te-Vi*. Anno IV, nº 4. São Paulo: Imprensa Methodista, abril de 1926.
- MALUSÁ, Silvana. *A criança no "pré-escolar"; um enfoque metodista (?)*. Mimeo. Piracicaba, 1994. (Dissertação de Mestrado - UNIMEP)
- MESQUITA, Zuleica C. C. Metodismo e educação no Brasil no contexto dos anos vinte. *Revista do COGEIME*. Ano 3, nº 3. Piracicaba, 1994.
- REILY, Duncan A. *História do Protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1984.
- Revista Sem Nome. *O Expositor Cristão*. v. 37, nº 6. São Paulo, fevereiro de 1923.
- SOARES FILHA, Anna M. V. et alii. *Instituto Central do Povo: 80 anos de ação social*. Acervo histórico do I.C.P., não publicado. Rio de Janeiro, 1986.
- TUCKER, Hugh Clarence. *Reminiscences - fifty years in Brasil or memories of widening horizons*. Rio de Janeiro, 1940. Texto datilografado, não publicado. Arquivo do COGEIME.